



Director literario:

Augusto de Castro
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Augusto de Castro
PAPUSSE

Carnaval de 1930

■ ■ ■ «PIM» «PAM» E «PUM» MASCARADOS ■ ■ ■



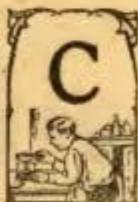
Vendo a mamã
com as visitas,
«Pin», «Pum» e «Pam»,
às cavalitas,
nesta figura,
entram na sala
e em dada altura,
— tal é o susto
que, pelos modos,
prégam a todos,
os diabretes
que, acto contínuo,
perdem a fala,
perdem o tino,
o Zé Augusto
da Costa Létes,
e sua esposa
a Dona Rosa
Perliquitetes.



DO LIVRO INÉDITO: "SUA MAJESTADE O MENINO"

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

JORGINHO



COM a fronte apoiada à mão, Jorginho meditava:

¿O que diria a Mãe quando soubesse que a sr.^a D. Isaura lhe tinha posto um zero no caderno de notas? Verdade, verdade, a escrita e a conta de somar, tinham-lhe causado, na véspera, surdas inquietações... Mas os borrões caíram-lhe no caderno, sem querer, talvez fôsse

a pressa de ir brincar com o «Tejo» e depois era tão difícil somar, difícil e aborrecido. ¿Para que era preciso saber quantos são 4 e 2; 9 e 8?... Ah! mas tinha prometido à Mãe estudar, ser bom e aplicado e, num instante, quantas coisas censuráveis, tinha feito!

Triste, muito triste, Jorginho continuando a scismar, resolveu, heroicamente, contar tudo à Mãe.

Foi procura-la e dirigiu-se-lhe de cabeça baixa.

Ela compreendeu, num relance.

Jorginho aproximou-se. Agarrou a mão que se lhe abandonava e beijou-a uma, duas, repetidas vezes; depois, muito meigo, chamou:

— Mãzinha!

— Que queres?

E numa convulsão de choro:

— Eu tive um zero!

— Ah!

Gostaria de lhe poder contar, mas não sabia porque lhe tinham acontecido tantas desgraças. Talvez que se a Mãe lhe ensinasse a contar, corresse tudo bem, para outra vez, porque, êle jurava, havia de tomar muito sentido.



Ela anuiu. O seu rosto de uma severidade fictícia, a princípio, começava a suavizar-se.

Jorginho cumpria o juramento, com toda a galhardia.

Então a Mãe falou por muito tempo, sobre algarismos, somas e subtracções.

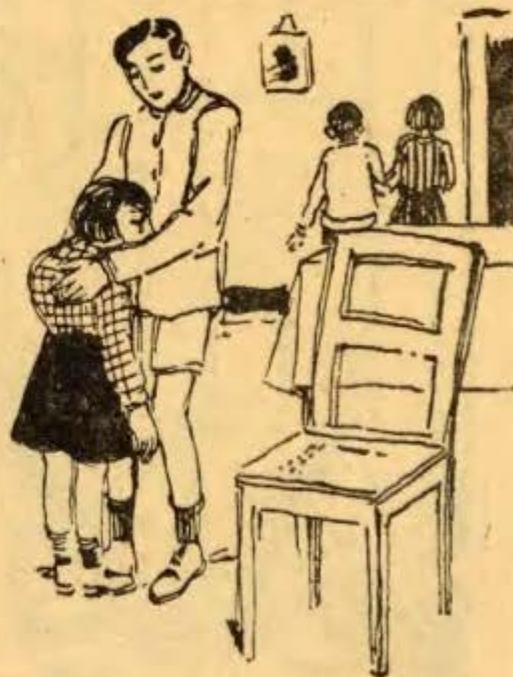
Jorginho olhava para ela, com toda a atenção e quando a Mãe lhe perguntou:

— Compreendeste bem, meu filho?

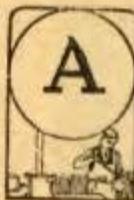
O Jorginho, muito sincero, num transporte vibrante, teve esta exclamação:

— São tão lindos os teus dentes, Mãe!

■ F I M ■



Zézinha

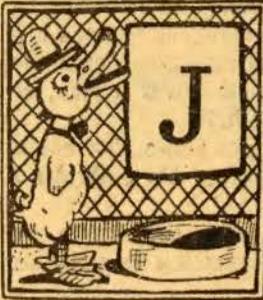


ZÉZINHA era feia e era corcunda. Passava os dias com as bonecas, porque o médico não a deixava ir ao colégio.

Aos domingos, os primos iam brincar com ela e o contentamento era tão grande, que os seus olhos baços, se enchiam de luz.

Contuda, Zézinha principiou a notar, que quando brincavam «às

A oração do Josézinho



JOSÉZINHO era um grande mandrião. Não havia, para êle, coisas mais aborrecidas, do que os livros, os cadernos e a pedra das contas. Já principiara a aprender música, mas a derrota estava declarada, também.

— Agora, meu Nosso Senhor, vou pedir uma coisa que me ha de fazer, sim? Porque eu tinha muito desgosto se isso não acontecesse.

Oh! meu Pai do Ceu, eu até vou rezar outro Padre-Nosso e outra Avé Maria.

Josézinho rezou, devotamente.

— Para que os calos da minha professora cresçam tanto, tanto, tanto, esta noite, que ela amanhã não tenha sapatos que lhe sirvam,

De que gostava Josézinho? De correrias, de combates entre as suas legiões de chumbo, de cavalgadas no seu «Fly» de papelão.

Até lhe custou a aprender o Padre-Nosso e a Avé Maria.

Mas, naquela noite em que a Mãezinha o foi judar a de spir, êle disse-lhe, num chioração.

— Mãezinha, como estou contente por saber rezar!

A Mãe, muito ingénua, replicou maravilhada:

— Ainda bem, meu filho, todos os meninos bons, sen tem essa alegria.

— Pois é. Se eu sou bom, dá-me um beijo e vai-te embora. Quero hoje rezar sózinho. Mas vai para muito longe daqui.

Esta última recomendação perdeu Josézinho porque a Mãe desconfiada, saiu do quarto, mas não se afastou.

Josézinho disse um Padre-Nosso e uma Avé Maria e pediu pelos Paizinhos e pelos pobres, pelos amigos e por si.

A Mãe, enternecida, já se ia embora, quando ouviu estas palavras:

«pessoas crescidas», nunca o Armando, nem o Carlos a escolhiam para noiva. Só a Maria da Luz e a Alice, lhes agradavam.

— Porque não me queres para noiva, ó Armando?

— Não; o melhor é seres cozinheira.

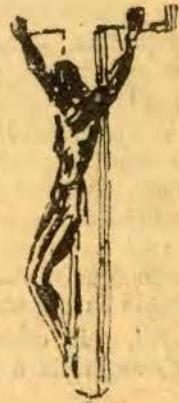
Ela resignava-se.

— Porque não me queres para noiva, Carlitos?

— Porque és feia.

Zézinha sentiu um grande nó na garganta e foi talvez êsse, o primeiro dia em que reparou que tanto a Maria da Luz como a Alice, tinham as costas muito direitas, eram córadas e não tinham as pernas muito finas.

O Armando e o Carlos também eram como elas.



que é para eu ter um feriadinho, meu rico Menino Jesús.

◻ F I M ◻

Obscuramente, uma grande tristeza começou a torturá-la

Num domingo, não podendo mais, foi sentar-se a um cantinho, a chorar, a chorar.

O Carlos viu-a e correu a abraçá-la.

— O que tens, Zézinha? Anda brincar.

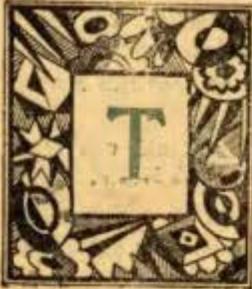
— Não vou, deixa-me.

— Se não queres brincar, ao menos, não chores. Não? Não chores, Zézinha... Mas que queres que eu te faça? Dize!

Ah! Carlitos! Quero que feches os olhos para não veres que sou feia e que me escolhas para noiva, sim?

F I M

A CRIADA



TINHA 8 anos e fôra servir para casa da senhora viscondessa, no Estoril.

Servir! Frágil, também aristocrata, no ouro dos cabelos e nas safiras dos olhos, Ilda não compreendia bem o sentido

da sua nova existência.

Aqueles meninos que se calçavam sempre que tinham muitas camas, bonecas elegantes, automóveis, davam-lhe que pensar. Porque não os trataria por tu? Porque usaria ela um avental branco?

A desigualdade irritava-a. Ilda gostava mais do seu Pátio do Cachaneta, onde não havia flôres, nem metais brilhantes, onde as casas esburacadas não tinham tapêtes, nem soalhos e uma cama pertencia a muita gente, onde, enfim, podia, como os outros, gritar ao sol, a alegria da sua alma de borboleta.

Alí, pelo contrário, tinha de falar baixo e não se mexia à vontade, com o mêdo de par-

tir qualquer das bonitas coisas que encontrava a cada passo. Decididamente, as pessoas e o palacete da senhora viscondessa, eram-lhe hostis. O desejo de tornar a ver a mãe, de não servir mais, fê-la sombria.

Uma vez, como já estava muito aborrecida, bateu no sr. D. António, por êle a obrigar a fazer de cabra-cega.

A audácia, valeu-lhe uma repreensão da senhora. Ela chorou e prometeu emendar-se. Mas quê?

Podia lá? O sr. D. Antonio e os manos, agora, andavam sempre a dizer-lhe:

— Não tomes confiança. Olha que tu és criada.

Era demais! E para se livrar daquela desgraça, só podia fugir, fugir para um lugar onde não fosse menos que os outros. Mas não tinha dinheiro para o comboio. O mar! Pois os barcos não iam para Lisboa, em cima dêle?

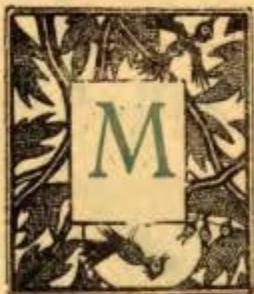
Serenamente, numa tarde de cinza, que amedrontava os próprios bombeiros, a Ilda resolveu-se. E lá fugiu, abraçadinha a uma onda torva, para uma igualdade, que não foi, com certeza, a do seu querido Pátio do Cachaneta.

■ F I M ■





AS CAMARINHAS



EU amôr. Não tornarás a comer camarinhas não? Ficas doente, tu choras e eu choro também.

— Mas, minha mãe, se forem maduras fazem mal?

— Também fazem, sim. Não tornes. Prometes?

— Prometo.

Quim era fraco. Tinha prometido não comer mais camarinhas, mas via-as tão grandes, tão apetitosas... Quando, depois do banho, voltava para casa, pedia à «mademoiselle», que o levasse a dar um grande passeio e como era êle, sempre, quem escolhia o sítio, iam todas as manhãs, ao areal enorme, onde havia tantas camarinhas, tantas, tantas que o Quim sentia crescer-lhe água na bôca. E contemplava-as amorosamente, calculando como estariam no dia seguinte e no outro e no outro ainda.

Ao vê-las tomar uma côr levemente dourada, Quim percebeu que, se não as comesse, apodreceriam, sem proveito para ninguém e, muito sorrateiramente, enquanto «mademoi-

selle» vibrava, lendo Musset, foi às camarinhas e comeu, comeu.

Um — que faites vous là? — arrancou-o do extasis.

— Mais rien, Mademoiselle, rien...

E o Quim, vermelho até à raiz dos cabelos, punha o chapêu de grandes abas, defronte da cara, para que «Mademoiselle» não visse.

Pouco tempo depois de ter chegado a casa, a mãe chamou-o e repreendeu-o com muita tristeza:

— Já vejo, meu filho, que tenho de me zangar contigo. Tinhas prometido não comer mais camarinhas e hoje faltaste á tua palavra.

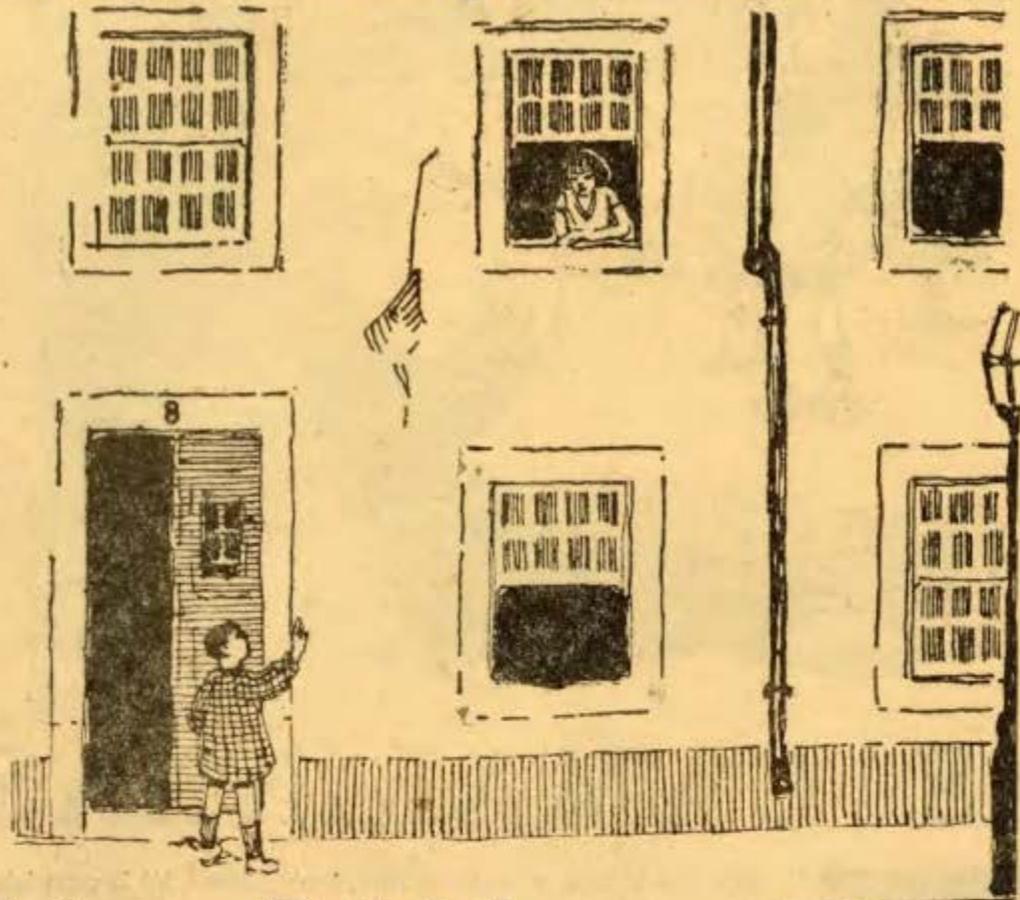
Dúas lágrimas resvalaram nas faces queimadas do Quim e numa voz muito sumida disse:

— Perdôa, Mãezinha.

Depois, tendo nos olhos um clarão estranho, foi ao pé de «Mademoiselle» e deu-lhe um enorme belisco.

E ante o espanto das duas senhoras, Quim explicou:

— Mete-me raiva, mãe. Dou-lhe o belisco para a castigar, para que, ela não ande a ver, aqui e a contar acolá, que é uma coisa muito feia.



Jojó e Dulcinha namoram-se



TÓJÓ acaba de entrar no jardim da moradia de Dulcinha. Esta, vendo-o, correu para ele, num grande alvoroço.

— Ainda bem que vieste, Jójó. Estava tão triste. Imagina que o João chamou feia à minha boneca mais linda.

— O João? Mas o João está no colégio.

— Não está. As férias já principiaram.

— E' mais feliz do que eu, que só tenho férias na segunda-feira. Se hoje vim brincar contigo, foi porque tive boas notas.

— Vamos então jogar.

— A quê?

Dulcinha, que desanimara de repente:

— Não sei. O melhor é irmos para a cozinha ver a Ana fazer bolos. Os de hoje são tão doces! Pode ser que ela nos dê algum. Vamos lá.

Felizmente, a cozinheira estava de bom humor e eles comeram até se fartarem. Súbito, Dulcinha, que durante alguns momentos olhara silenciosa para o Jójó, deitou-lhe os braços ao pescoço e disse:

— Tu gostas de mim, Jójó? Queres-me namorar?

Jójó, todo enleado, não sabia o que responder, mas, como futuro cavalheiro, adivinhando, por instintos, que uma pergunta daquelas não lhe devia ser indiferente, puxou Dulcinha para o jardim e respondeu com firmeza:

— Gosto e quero-te namorar.

— Então, espera aí um bocadinho.

Dulcinha apareceu à janela do 1.º andar, numa posição romântica, aprendida, não se sabe onde e como Jójó não olhasse para cima, ela saudou-o.

— Adeus, meu namorado!

Jójó levantou a cabeça, correspondeu nos mesmos termos e continuou a olhar.

Dulcinha, então, nervosa por deduzir que ele era, afinal, inexperiente, procurou uma frase adequada às circunstâncias e atirou-lhe com esta:

— Olha lá, meu grande maroto; disseste-me que estavas de piquete e houve quem te visse a beber dois, não sei bem onde.

Jójó estava atordoado.

Dulcinha, tinha acabado de pronunciar, palavra por palavra, uma frase de Ana para o seu guarda-fiscal.

❀ ❀ ❀ FIM ❀ ❀ ❀

❀ MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES ❀

HORA DE RECREIO

PRO

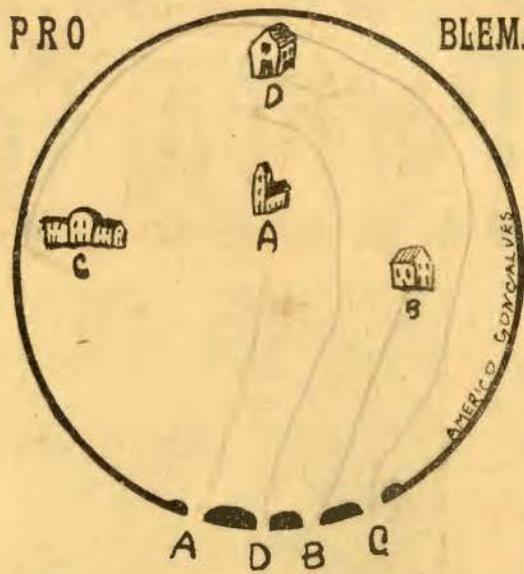
BLEMA

ADIVINHA

Consiste esta adivinha em achar 5 palavras com cinco letras cada, de maneira que terminem todas em «S» e «Co».

Resenha

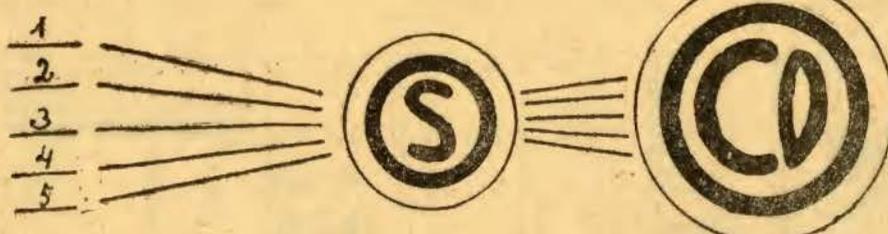
- 1 — Pele da cabeça
- 2 — Nome proprio
- 3 — Pó de carvão
- 4 — Planta parasita
- 5 — Instrumento de gymnástica usado pelos antigos



Ligar os pontos A-A, B-B, C-C, D-D sem que os traços se cruzam.

Solução da anterior :

- 1—Fala
- 2—rola
- 3—mola
- 4—bola
- 5—bala
- 6—mala
- 7—sala
- 8—sola
- 9—gola
- 10—bela
- 11—vela
- 12—cola
- 13—mula
- 14—pala



PARA OS MENINOS COLORIREM



Partida Carnavalesca



O «Zé Maria» de Algés, resolveu ir mascarar-se; e ei-lo, com simples disfarce, feito *limpa chaminés*.



Todo sujo e mascarado já em casa da vizinha, com um modo empertigado, vai direitinho à cozinha.

Sobe a cima do fogão e escarafuncha ao borrhão, fingindo muita atenção, todo entregue ao seu trabalho.



Nisto ao ver que a cozinheira com seu namoro presume... atira-se à petisqueira que estava em cima do lume.



Depois de comer a canja que estava numa panela, certa caldivana arranja e mete-a dentro, em vez dela.

E em lugar dos belos fritos que estavam na frigideira, improvisa uns pastelitos que são grande borracheira.



E após feito o servicinho da limpeza — (e que limpeza!) — vai-se com o dinheirinho que lhe pagara a freguesa.

A cozinheira, da copa conduz, agora, o jantar... mas o patrão prova a sopa e começa a vomitar.



A patrão à cozinheira, grita: — «ó céus, que porcaria!» mas, da janela fronteira, torce-se a rir «Zé Maria».